

BETS E FÉ (PARTE 1): O QUE ESTÁ EM JOGO?



Rev. Diego Martins

“Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas.”

1 Coríntios 6.12

As bets deixaram de ser um problema localizado fora das igrejas. Elas entraram nas casas, alcançaram as famílias e passaram a fazer parte da realidade das próprias comunidades cristãs brasileiras. O que poderia ser tratado apenas como uma discussão ética sobre jogos de azar tornou-se uma questão pastoral concreta e urgente.

Pesquisa do PoderData, realizada de 27 a 29 de setembro de 2025, revelou que 41% dos evangélicos entrevistados disseram já ter realizado algum tipo de aposta em bet, enquanto entre os católicos o percentual foi de 34%. Um ano antes, os índices eram de 29% entre os evangélicos e 22% entre os católicos.

O cenário é ainda mais preocupante quando observamos as consequências: entre os entrevistados que afirmaram já ter realizado apostas on-line, 35% dos evangélicos e 35% dos católicos declararam ter contraído dívidas em decorrência dos jogos.

Não estamos, portanto, diante de uma prática meramente recreativa. Estamos falando de dinheiro, desejo, endividamento, famílias e espiritualidade.

Mas existe algo ainda maior acontecendo. Não estamos apenas diante da popularização de uma prática. Estamos diante da formação de uma cultura de apostas.

A publicidade das casas de apostas ocupa transmissões esportivas, programas, podcasts e redes sociais. O jogo não está mais escondido em um cassino distante; passou a ser apresentado como diversão, oportunidade e parte natural da experiência esportiva.



A normalização muitas vezes precede a dependência. Antes de alguém perder grandes quantias, a cultura já lhe ensinou que apostar é comum, divertido e aceitável.

O problema se torna ainda mais grave entre os jovens. O smartphone eliminou praticamente todas as barreiras físicas que separavam uma pessoa da jogatina.

O cassino agora está no bolso.

Em poucos segundos alguém pode apostar em uma partida, no próximo gol, no número de escanteios ou em incontáveis jogos virtuais. A tecnologia não inventou a cobiça ou o desejo de enriquecimento rápido, mas tornou possível explorá-los vinte e quatro horas por dia.

Diante disso, a igreja precisa perguntar não apenas quanto seus membros estão apostando, mas **o que as apostas estão fazendo com o coração deles.**

Liberdade cristã ou legalismo?

Por que, então, entendo que o cristão deve se abster das apostas?

A pergunta não deve ser apenas: “É legal?” ou “Existe algum versículo dizendo ‘não apostarás’?”. A questão mais profunda é: essa prática é coerente com a maneira como Deus ensina seus filhos a lidar com dinheiro, prazer, trabalho, contentamento, próximo e providência?

Não existe um versículo que diga literalmente: “Não farás apostas esportivas pela internet”. A ética cristã, porém, não funciona apenas procurando determinada palavra na Bíblia. A Escritura oferece princípios morais pelos quais avaliamos práticas novas.

Também precisamos evitar o legalismo. Há cristãos que não consideram toda e qualquer aposta intrinsecamente pecaminosa. Determinadas situações poderiam ser entendidas como entretenimento, desde que não envolvessem vício, cobiça, desperdício ou idolatria.

Essa nuance é importante. Não precisamos inventar um mandamento para fortalecer nosso argumento.

Paulo escreve: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (1Co 6.12). Existem, portanto, duas perguntas diferentes: **“Isso é expressamente proibido?”** e **“Isso convém a alguém que pertence a Cristo?”**



A liberdade cristã não pergunta apenas: “Até onde posso chegar sem pecar?”. Ela pergunta: “Como posso viver de maneira que glorifique mais a Cristo?”.

Proprietário ou apenas gerente?

Antes de perguntarmos o que fazer com nosso dinheiro, precisamos perguntar: **de quem é o dinheiro?**

Deus é o verdadeiro proprietário; nós somos administradores. Casas, carros, salários, investimentos, capacidades e tempo pertencem, em última análise, ao Senhor. Se considero meu dinheiro absolutamente meu, perguntarei: “Posso fazer o que quiser com ele?”. Se reconheço que sou mordomo, a pergunta muda: **“O que agrada ao dono dos recursos que me foram confiados?”** Essa mudança de perspectiva é fundamental para pensar sobre apostas.

Jogar não é trabalhar

A Bíblia apresenta um caminho ordinário para a aquisição de recursos: trabalho, diligência, administração responsável, produção, comércio justo e investimento responsável.

Paulo escreve: “Trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o necessitado” (Ef 4.28). Provérbios afirma: “A riqueza obtida às pressas diminuirá, mas quem a ajunta pouco a pouco terá cada vez mais” (Pv 13.11). Existe uma pedagogia divina da provisão: **trabalho, paciência, responsabilidade e confiança.**

A aposta oferece outra narrativa: arriscar, acertar e multiplicar rapidamente. A mentalidade do “grande prêmio” pode formar justamente o contrário daquilo que a sabedoria bíblica deseja produzir: paciência, diligência, mordomia e contentamento.

Apostar também não é investir

“Mas investir na bolsa também não é apostar?” Não necessariamente.

Investir significa disponibilizar capital para uma atividade produtiva. Empresas utilizam recursos para produzir bens, prestar serviços, contratar pessoas e gerar riqueza. Na aposta, o próprio risco é transformado em produto. O ganho de alguns corresponde, em grande medida, às perdas de outros, além da parcela que permanece com o operador.



Um agricultor corre riscos. Um empresário corre riscos. Um investidor corre riscos. Mas o simples fato de todas essas atividades envolverem risco não significa que sejam moralmente equivalentes.

Providência não é sorte

A Bíblia fala sobre sortes. Provérbios declara: “A sorte se lança no colo, mas do Senhor procede toda decisão” (Pv 16.33). Isso não significa que as Escrituras legitimem os jogos de azar. O princípio é outro: o cristão reconhece a soberania de Deus mesmo sobre aquilo que aos nossos olhos parece acaso. O cristão não vive debaixo da Fortuna. Vive debaixo da providência.

Cristo nos ensinou a orar: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6.11). Isso não é uma oração pelo enriquecimento rápido. É uma oração de dependência. Nossa segurança não nasce da probabilidade de uma odd, mas do cuidado de Deus.

E talvez seja justamente aqui que precisemos avançar para uma pergunta ainda mais desconfortável. Se alguém afirma que aposta apenas por diversão, por que o risco financeiro aumenta o prazer? O que está realmente nos divertindo? O esporte? A convivência? A competição? Ou a sensação de colocar dinheiro em risco e talvez receber mais? Os entretenimentos também formam nossos afetos.

Por isso, talvez a pergunta mais importante não seja apenas: “**Quanto dinheiro posso perder?**”, mas: “**Que tipo de desejo estou treinando dentro de mim?**”

Porque o maior risco das bets talvez não esteja apenas no dinheiro que sai da conta. Pode estar naquilo que, silenciosamente, começa a acontecer no coração.

No próximo domingo: “Bets e fé - Parte 2: O que está em jogo no coração?”

Rev. Diego Martins